

Homenagem a Nietzsche

Em 25 de agosto de 1900 desaparecia, na paisagem ainda promissora do início do século, o viajante solitário, um dos filósofos mais difíceis de ser compreendido não só pela inadequação de seu pensamento aos cânones filosóficos quanto pelas exigências intrínsecas do seu estilo fortemente nuancado e, mesmo, paradoxal. Este pensamento radical se forja a partir de um espírito crítico incomparavelmente agudo, de uma exigência de rigor de outro tipo que o da disciplina argumentativa —o das evidências imediatas, o da revelação: “Considerando o gênero de problemas com os quais me ocupo, sou forçado a ser muito rápido para que me entendam ainda mais rapidamente [...] Existem certas verdades tão particularmente selvagens e ariscas que só as podemos capturar de surpresa; é ou surpreendê-las ou largá-las”.

À exigência desse rigor crítico e dessa disciplina da imediatidade juntava-se uma outra característica decisiva de seu pensamento, a de fidelidade irrestrita a suas inspirações. Face a seu caráter místico e à sua extrema sensibilidade de poeta e músico, a grandeza de talento crítico faz de seu pensamento uma espécie temerária de heroísmo intelectual: “Construam suas casas sobre o Vesúvio! Lancem os seus navios em mares desconhecidos! ... Embarquem, ó filósofos! Há todo um mundo para se descobrir”. Este heroísmo impunha-lhe a aridez de um meticuloso trabalho sobre si que era, segundo sua convicção, uma obrigação das naturezas nobres. Um trabalho —o da filosofia como tentativa renovada de corresponder às exigências de um rigor crítico incessante— que lhe faz questionar todos os critérios da verdade, através de um colossal desfile de recursos estilísticos que se estendem ao paródico e ao burlesco. Neste estilo, o corpo —“a grande razão”— e o intelecto —“a pequena razão”— querem se inscrever simultaneamente em seus incomparáveis textos. A sua escrita filosófica, como observou Giorgio Colli, toca sempre os limites do inexprimível e quer ultrapassar-se

enquanto escrita, em uma tensão extrema que a apresenta em crise definitiva. Nela, o eu não se unifica na autoria coerente, mas se dispersa em múltiplas consciências, esfacela-se em múltiplas perspectivas: “considerar as coisas através de todo o tipo de olhos e consciências, do alto olhando para todos os cumes, de um canto para todas as direções”.

Estas características são certamente determinantes para a vigorosa vitalidade de sua obra em tantas e tão diversas leituras: Heidegger, Foucault, Derrida, Bataille, Klossowski, Benjamin, Adorno, Deleuze. Uma filosofia que, capaz de descer às profundas trevas da desrazão, de penetrar nos subterrâneos dos ideais e de olhar de perto a origem “baixa” de nossa cultura, responde à provocação do genealogista: “Alguém quer descer os olhos ao segredo de como se fabricam os ideais na terra? Quem tem coragem para isso?” Mas que responde também ao desejo de arrancar a sua época do niilismo (ou desta depressão profunda e paralisante da nossa contemporaneidade) pela proposta de transformação das relações dos homens entre si e com o mundo, para que a humanidade possa, como na aurora grega, voltar a orgulhar-se de si. Esta perspectiva tem aquela limpidez luminosa em que Nietzsche, nos últimos meses de vida consciente, viu mergulhar a cidade de Turim, como em um “Claude Lorrain infinito”, um horizonte possível para aquele pedido a Peter Gast, em sua última correspondência para o amigo, em que assina “O Crucificado”:

“A meu *maestro Pietro*.

Cante-me um canto novo: o mundo transfigurou-se e todos os céus exultam”.

Katia Muricy